

04/DEZ/2006. *Hélio Bernado Lopes*

## **A ENTROPIA DA DIVERGÊNCIA**

Não deverei estar longe da realidade ao tomar por certo o sentimento de insegurança do meu caro leitor em torno da vida nacional. De um modo que se pode perceber como muito geral, a verdade é que a grande maioria dos portugueses vive hoje num ambiente de completa ansiedade, já com a plena sensação de que o futuro simplesmente o não será.

O fundamento deste estado de coisas é de ordem diversa, seja ela puramente interna, seja pelo modo como tradicionalmente, desde o já longínquo Abril, se adere a todo o tipo de tralha política que nos chega dos grandes palcos do Mundo.

Basta que o leitor se recorde do que tantos dos nossos principais políticos, hoje de tão fraca qualidade, sempre nos vêm referir sobre a Comunidade Internacional e sobre as Nações Unidas, e se determine a tal comparar com o que, de um modo estupefacto, virá a encontrar no excepcional texto de Eric Frattini, ONU - História da Corrupção, entre nós editado por Campo das Letras.

Há já uns anos, tive a oportunidade de escrever que a democracia é uma ilusão, mas que funciona. Ora, na obra atrás citada fui encontrar esta citação de Napoleão Bonaparte, logo ao início do terceiro capítulo: bem analisada, a liberdade política é uma fábula imaginada pelos governos para adormecer os seus governados. No fundo, o velho marechal já tinha a mesma opinião que eu pude ir construindo.

O mais interessante de tudo isto é que quase toda a gente já percebeu esta realidade, sobretudo, pela vasta experiência de trinta e dois anos de uma decadente e vazia democracia, onde se vota sem saber em quê, mas percebendo que tudo se saldará em algo pior do que o que vem de trás. E, contudo, lá se continua a dizer uma coisa e a fazer outra, embora sem um ínfimo de convicção: critica-se, com razão, a completa inutilidade desta democracia, mormente os partidos que conduziram o País ao estado em que se encontra, mas lá acaba por ir-se votar num dos ditos!!

Aos poucos, através de uma autodestrutiva utilização da liberdade, foram-se minando todas as referências que são fontes de certeza e que geram capacidades para enfrentar a adversidade. Lamentável e inacreditavelmente, até mesmo o suporte das garantias sociais até aqui construídas foi posto em causa, à custa da adopção do criminoso modelo neoliberal, sobre que se não ouve uma condenação mínima da parte de quem mais tem o dever moral de o fazer!

A tudo isto, assiste-se, de um modo impotente, ao deixa andar da

globalização, verdadeiro instrumento de nivelar pela pobreza, com a qual os que conseguiram mínimos de dignidade os estão rapidamente a perder, ao mesmo tempo que se não arranca do ambiente de destruição da vida que vai pela maior parte deste nosso Mundo: quem estava pobre está na mesma, ou pior, e quem tinha alguma dignidade de vida está a perdê-la velozmente e sem perspectivas de inverter um tal cenário. É um tempo de destruição da vida, seja por via do modelo económico neoliberal, seja pelo mau uso da liberdade que inutilmente se usa.

Toda esta realidade, como agora se está a ver com o assassinio de Litvinenko, onde começam a surgir contornos que apontam para gente muito bem colocada no espaço europeu, tem como consequência que se não pode esperar colaboração de quem percebe que é governado por representantes, mais ou menos directos, de grupos de interesses. A política e os políticos de há muito perderam prestígio e consideração, porque não só o exemplo não vem de cima, como a vida das pessoas e das suas famílias caminha, a cada dia que passa, de mal para pior.

Como sempre aconteceu na História, um tal pântano terá que ter um fim. E como se mostrou sempre, esse fim surge por rotura com o modelo vigente. Essa rotura poderá ser natural, como, por exemplo, através da gripe das aves, ou de uma outra catástrofe natural, mas poderá também ser por um acontecimento conflitual internacional. Como ninguém é adivinho, há que esperar, de molde a perceber como será o doloroso futuro.

Não deixa de impressionar-me o modo como, paulatinamente, se vai caminhando para um precipício que já todos perceberam ou viram. Cada um vai pensando que a maleita lhe não chegará, mas a História mostra que, em grandes números, tais roturas são claramente aleatórias. Não há seguros de vida, nem locais de abrigo certo. É uma tristeza que não me deixa, por constatar como é forte o poder da inércia. Sobretudo, quando a mesma é cultural. A ver vamos.